



I Congresso Nacional de Linguagens e Representações: *Linguagens e Leituras*  
III Encontro Nacional da Cátedra UNESCO de Leitura  
VII Encontro Local do PROLER  
UESC - ILHÉUS - BA/ 14 A 17 DE OUTUBRO 2009

## MEMÓRIA MELANCÓLICA: IMPASSES DO EU-LÍRICO NO POEMA “ANIVERSÁRIO”, DE RUY ESPINHEIRA FILHO

Mayara Michele Santos de Novais (UNEB)<sup>1</sup>  
E-mail: lchelinhamay@hotmail.com

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é discutir, por meio da análise de seus elementos formais, a memória por um ângulo estranho à idéia de instância encerrada e reclusa no passado, portanto, estável e resolvida. A configuração de “Aniversário” põe em xeque esta concepção plácida, saudosista e totalizante, uma vez que nos versos de Ruy Espinheira a memória se apresenta de maneira fragmentada, instável e melancólica. Concomitante a tal visão, o eu-lírico se mostra profundamente consciente da inexorabilidade das perdas trazidas pela passagem dos anos assim como a permanência de impasses constitutivos não solucionados no passado. A escolha do tema pautou-se pela realização de um projeto de monitoria de ensino da UNEB na disciplina “Literatura Baiana”. A metodologia adotada será a leitura imanente do texto literário em questão, a fim de perceber que o poema não apresenta a memória como instância tranquila, em um desejo de retorno ao passado, como se este fosse perfeito, mas algo inquietador, de impasses constitutivos do sujeito indicadas nas imagens tensas, pois o tempo pretérito não se mostra como dado superado ou resolvido; pelo contrário, os fatos ocorridos são elementos intensamente presentes na existência do sujeito ao longo do texto. Nesse sentido, o poema “Aniversário” rompe com uma concepção de memória acumulativa, linear e progressiva, pois seu presente é constituído contraditoriamente pelas perdas, pelas ausências durante a vida. Esta perspectiva tensa, em aberto, sobre o passado dialoga e dá continuidade a uma vertente central na lírica brasileira do século XX, sobretudo nas obras de Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade.

**Palavras-chave:** Ruy Espinheira Filho; Poesia; Melancolia; Memória.

### 1. Introdução

O presente trabalho tem como objetivo analisar a presença marcante da memória como elemento constitutivo relevante no poema “Aniversário”, de Ruy Espinheira Filho

---

<sup>1</sup> Aluna da Especialização *Latu Sensu* em Literatura Brasileira: Formação do Cânone Literário e Contrapontos críticos da UNEB - Campus XX.

(REF), presente na obra *Poesia reunida e inéditos*<sup>2</sup>, assim como a relação existente entre as recordações do passado e o sentimento do eu-lírico. A escolha do tema pautou-se pela realização de um projeto de monitoria de Iniciação Científica da UNEB sobre Literatura Baiana, assim como nas inquietações acerca da memória presente em tal poema, uma vez que retrata aparentemente o eu-lírico com suas recordações e sua sentimentalidade diante do conflito em que se encontra.

Percebemos que o homem moderno vive em meio à multidão, marca do sistema capitalista, inserido em tecnologias, avanços científicos, agitações e falta de tempo. No entanto, o ser encontra-se inibido, revelando a fragilidade humana, um sentimento por vezes incerto, com um aparente desinteresse pelo mundo exterior, remetendo-se a um ensimesmamento, uma busca por isolamento, contemplação, uma reflexão sobre sua vida e sua história.

Conforme Reinaldo Marques, em “Tempos modernos, poetas melancólicos”, o tempo da melancolia, com suas variantes, é perceptível como uma “metáfora esclarecedora das relações do poeta com o mundo moderno e com o lugar problemático que lhe cabe no espaço da modernidade”<sup>3</sup>. Deste modo, observamos o conflito existente e a utilização da memória como sobrevivência, ou seja, “lembrar para não esquecer”<sup>4</sup>, visto que a memória é um glorioso e admirável dom da natureza, através do qual reevocamos as coisas passadas, abraçamos as presentes e contemplamos as futuras, graças à sua semelhança com as passadas.<sup>5</sup>

Bosi já perguntava em seu livro *O ser e o tempo da poesia*: “qual fase da história foi vivida só de instantes presentes, pura e abstrata contemporaneidade sem memória nem projeto, sem as sombras ou as luzes do passado, sem as luzes ou sombras do futuro?”<sup>6</sup>. Percebemos, a partir da citação, quão importante se faz a recordação e lembrança, mas se não há uma concepção do que realmente se perdeu, o eu-lírico sente-se enclausurado e condenado à introspecção.

É notório no poema escolhido de Ruy Espinheira Filho a memória como fator relevante, afinal, as recordações constroem a existência humana. Todavia, estas não aparecem como nostálgica, desejo de retorno ao passado, e sim como certezas das perdas como algo presente, perdido. Este passado irredimível, estas perdas, resultando até em certas mortes, evoca tristeza e melancolia ao ser e ao tom existente na lírica; segundo Marques, um

ensimesmamento do eu confrontado com experiências de perda decorrentes de um tempo e um mundo de mudanças e ruínas; uma atitude crítica em relação ao próprio eu, aprendido como insatisfatório, precário; a inibição da atividade, em prol de uma atitude contemplativa.<sup>7</sup>

Portanto, devido a esta interiorização do sentimento, certo de que o sistema exige precisão e objetividade, o homem se mostra pensativo, melancólico,

---

<sup>2</sup> FILHO, Ruy Espinheira. *Poesia reunida e inéditos*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

<sup>3</sup> MARQUES, Reinaldo. Tempos modernos, poetas melancólicos. In: SOUZA, Eneida Maria de (Org.). *Modernidades tardias*. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p. 159.

<sup>4</sup> FERREIRA, Izacyl Guimarães. In: < <http://www.jornaldepoesia.jor.br/izacyl20.html>>

<sup>5</sup> YATES, F. A. The Art of memory, 1996, p. 255 *apud* GOFF, Jacques Le. Memória. In: *Enciclopédia Einaudi*- vol.1. Memória - História, 1984, p. 30.

<sup>6</sup> BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p.13.

<sup>7</sup> MARQUES, Reinaldo. Tempos modernos, poetas melancólicos. In: SOUZA, Eneida Maria de (Org.). *Modernidades tardias*. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p. 162.

reconhecendo suas lembranças, sonhos e perdas; afinal, “o homem existe porque existe como memória”<sup>8</sup>.

Desse modo, a poesia de Ruy Espinheira Filho, em particular no poema “Aniversário”, encontra eco em poetas renomados como Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, que também retratam o conflito humano, a morte presente, as recordações, a memória e o ar melancólico em suas obras, por exemplo, nos poemas bandeirianos “Profundamente”, “Vou-me embora para Pasárgada”, “Momento num café”, “Canção do vento e da minha vida” e drummondianos “No meio do caminho”, “Os mortos de sobrecasaca”, “Retrato de Família”, “Eterno”, entre outros.

Estes traços de perdas, de passado não resolvido, guardam pontos de contato com as idéias de Adorno, o qual revela que “o eu-lírico acabou perdendo, por assim dizer, essa unidade com a natureza, e agora se empenha em restabelecê-la, pelo animismo ou pelo mergulho no próprio eu”<sup>9</sup>, sendo que, quanto mais individual mais coletivo, ao mesmo tempo que “só entende aquilo que o poema diz quem escuta em sua solidão, a voz da humanidade”<sup>10</sup>, idéia semelhante quando Bosi declara que “a modernidade se dá como recusa e ilhamento”<sup>11</sup>.

O motivo da escolha deste poema está no fato de retratar a temática em questão, ou seja, remeter-se à memória e apresentar-se com um aspecto melancólico, conforme Matos, segundo a qual “o melancólico é alguém que tem dificuldade de esquecer, que fica preso ao passado”<sup>12</sup>. Ainda, Freud relaciona a melancolia “com uma perda de objeto que foi retirada da consciência, à diferença do luto, no qual nada do que diz respeito à perda é inconsciente”<sup>13</sup>. Desta forma, percebemos a indagação presente em “Aniversário”: “Isto o que ganhei: essas perdas. Isto/ O que ficou: esse tesouro/ De ausências”.

Acreditando então que a vida é constituída de perdas, algo que passou e certamente não se encontra mais, percebemos o paradoxo existente, uma vez que os ganhos dados pela vida são as perdas, a ausência é o que resta, o que fica, e este tesouro não é tão feliz, pois a vida passa, as pessoas passam, mas as lembranças permanecem como bem indica o poema acima. Segundo Freud, “O melancólico nos mostra ainda algo que falta no luto: um rebaixamento de auto-estima, um enorme empobrecimento do ego. No luto é o mundo que se tornou pobre e vazio; na melancolia é o próprio ego”<sup>14</sup>.

Portanto, é plausível notar que este aspecto para Ruy Espinheira Filho é relevante, uma vez que “o passado não passa”<sup>15</sup> e no âmbito da lírica contemporânea, percebemos que “nostálgica, crítica ou utópica, a poesia moderna abriu caminho caminhando”<sup>16</sup>.

Assim sendo, percebemos a questão da memória na obra do poeta baiano; portanto, será necessário comprovar as seguintes afirmações em relação ao poema citado de Ruy Espinheira Filho: o homem se mostra pensativo e, por vezes, reflexivo; o eu-lírico apresenta-se ensimesmado e melancólico; além disso, é perceptível que o eu-poético relembra para não esquecer, para manter-se vivo e, quem sabe, encontrar-se, descobrir-se e perceber suas conquistas e desencantos.

---

<sup>8</sup> NETO, Miguel Sanches. In: < <http://www.jornaldepoesia.jor.br/msanches46.html>>

<sup>9</sup> ADORNO, Theodor W. Palestra sobre lírica e sociedade. In:—. *Notas de literatura I*. São Paulo: Duas Cidades, 2003, p. 70.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 67.

<sup>11</sup> BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 167.

<sup>12</sup> MATOS, Olgária. A melancolia. In: *Leia*, nº 103, maio de 1987, p. 16.

<sup>13</sup> FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. In: *Novos estudos*, nº 32, março de 1992, p. 113.

<sup>14</sup> *Ibidem*, p. 133

<sup>15</sup> Verso do poema “As meninas” do próprio Ruy Espinheira Filho.

<sup>16</sup> BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 167.

## 2. Análise do poema “Aniversário”

O objetivo deste trabalho é analisar alguns elementos de forma e conteúdo no poema “Aniversário” de Ruy Espinheira Filho, presente no livro *Poesia reunida e inéditos* (1998) do mesmo autor. A hipótese que procuramos defender é que o eu-lírico apresenta-se melancólico ao recordar-se de momentos vividos. Desse modo, o poema possui um aspecto mnemônico, mas sem nostalgia e sim pela revelação da fragilidade, do impasse sofrido pelo eu-poético frente ao mundo em que se encontra, ou seja, a sociedade capitalista considerada moderna e contemporânea. Interessante ressaltar a contradição aparentemente existente entre o título e o conteúdo do poema, pois logo de início imaginamos que aniversário é um momento de alegrias, de festejos, amigos, companhias, ganhos, presentes, comemoração, pessoas e coisas queridas por perto, votos de felicidades e muitos anos de vida, enfim, algo prazeroso. No entanto, observamos no decorrer do poema um conflito no ar, uma solidão do aniversariante, uma data em que ele “deveria” estar acompanhado; ele se encontra ensimesmado, melancólico, pensativo, reflexivo e, em vez de ganhar presentes, o mesmo ganha ausências e perde conquistas. Note: “Isto o que ganhei: essas perdas. Isto/ o que ficou: esse tesouro/ de ausências”.

Partindo da forma, observamos que o poema foge dos padrões convencionais da literatura tradicional, apresentando uma linguagem em tom coloquial, com elementos comuns à fala. Além disso, notamos que o discurso poético é elaborado sob a perspectiva de um eu-lírico masculino que relata sua história, infância, juventude e suas perdas, com certa melancolia, ao mesmo tempo remete-se à memória para recordar-se, voltar ao passado. Observe:

Metade do tempo consumada  
ou ainda mais.  
No peito, a mesma fome, a mesma sede  
do menino, do rapaz.

Assim como no trecho seguinte: “Perdi colegas, namoradas, cães./ Perdi árvores, pássaros, perdi um rio/e eu mesmo nele me banhando”.

O poema “Aniversário” possui 4 estrofes. A primeira tem 8 versos; a segunda, 16 versos; a terceira apresenta 6; e a quarta estrofe, 10 versos, os quais são livres e brancos, ou seja, não apresentam rimas nem métricas. Apesar desta liberdade, há uma organização peculiar de suas estrofes e versos. Eles se apresentam em forma contínua, um verso completa o sentido do verso anterior, ou seja, encavalgamento, “a construção sintática especial que liga um verso ao seguinte, para completar seu sentido”.<sup>17</sup> Note alguns exemplos: “(...) No silêncio/ meu coração permanece/ iluminado(...)”; “Mas tudo rápido/ demais/ que nem nos podemos saber”, entre outros.

É plausível notar a presença de verbos no presente para demonstrar o tempo em que o eu-lírico retrata, comenta sua existência, verbos no pretérito a fim de ressaltar o passado e, principalmente, as perdas ocorridas no tempo para com a vida do eu-lírico. O poema possui uma linguagem poética moderna, com indagações próprias de um tempo em que o homem “moderno” conquistou muitos bens materiais, mas perdeu muito da simplicidade, da natureza, do contato com as pessoas, família, amores, enfim, um ser fragmentado que se sente só, voltando-se para si a fim de se descobrir ou mesmo lembrar sua história para dar sentido a seu presente.

<sup>17</sup> GOLDSTEIN, Norma. *Versos, sons, ritmos*. São Paulo: Ática, 1985, p. 63.

Notamos no poema “Aniversário” a constância de elementos da vida do eu-lírico, suas tristezas. A propósito, o poema retrata a idéia de perdas que existem com o passar dos anos, como consequência da ação de viver, o que denota aparentemente estarem muitos dos fatos ocorridos presentes apenas na memória. Desse modo, é notório observar o tom melancólico presente no mesmo. Deveras, percebemos às vezes indagações sobre sua existência humana, enquanto noutros versos há afirmações sobre a vida, suas consequências e suas decepções, como nos seguintes versos:

(...) Mas tudo rápido  
demais  
que nem nos podemos saber  
e partimos  
no mesmo escuro em que chegamos.

Em relação ao conteúdo, podemos dizer que se trata de um sujeito que depois de certo tempo de vida, encontra-se sozinho, meio solitário, consciente das perdas que obteve, mas acompanhado de sua memória e de si mesmo.

Um aspecto relevante no poema é o uso de parênteses para tratar de possíveis ações presentes, e quando este recurso não é utilizado parece falar de certezas do sujeito lírico, como exemplo sua história passada, suas perplexidades, suas perdas, sua tristeza. Perceba: “(É dezembro/ e noite e abro a janela/ e vejo outras janelas iluminadas...)”

E ainda, “(A noite avança, e as janelas/ aos poucos/se apagam...)”

Além disso, é plausível notar a constância do conectivo “E” na segunda estrofe, unindo as idéias, pensamentos, como se estas fossem formadas no instante atual, dando-nos uma idéia de conversa coloquial, cotidiana, frases elaboradas a partir da memória. O eu-lírico lembra de dados e os cita, sem preocupar-se com as regras tradicionais da literatura, mas sim remetendo-se à poesia contemporânea, de fatos inerentes ao ser humano e de questões reflexivas sobre a existência do homem. Veja no trecho a seguir:

(É dezembro  
e noite e abro a janela  
e vejo outras janelas iluminadas.  
Ali há vida, como na rua, como  
no campo e no mar e nos velozes  
aparelhos que cortam o espaço  
e  
talvez  
noutros planetas e universos...)

No poema de Ruy Espinheira Filho nos deparamos com um eu-lírico masculino mnemônico que logo na primeira estrofe já afirma sobre sua vida e uma certa experiência, ao mesmo tempo que possui o mesmo desejo em viver quando mais jovem, ansiedades, busca por descobertas, como observamos a seguir:

Metade do tempo consumada  
ou ainda mais.  
No peito, a mesma fome, a mesma sede  
do menino, do rapaz.

Apesar da idade, do tempo, o sujeito poético percebe que há indagações, conflitos não resolvidos em seu passado, há perguntas sem respostas, curiosidades

insaciadas, e devido à incompreensão de certas coisas este fica pensativo, incrédulo. Veja:

O mesmo olhar perplexo  
o mesmo  
sem resposta  
gesto crispado interrogando.

E essa atitude de franzir a testa, de interrogar-se, faz com que percebamos uma preocupação do sujeito, um conflito, um passado não tão perfeito e um presente não tão promissor; portanto, há um impasse do eu-lírico frente a si mesmo ao mesmo tempo com o mundo em que ele vive.

Na segunda estrofe, o eu-lírico revela o presente marcado pela rapidez do sistema capitalista, no mundo de consumo, sem esquecer-se das indagações feitas no poema sobre a existência humana, seja no nascimento e na morte.

Sabemos que o aniversário do sujeito lírico é em dezembro, e o momento de sua fala ocorre no período noturno e, ao abrir a janela, ele provavelmente possa abri-lá para contar sua história, expor através da memória. Acrescente também que ao fazer isso ele percebe que há outras janelas próximas à sua, vidas, pois para que uma janela esteja iluminada provavelmente alguém acendeu uma luz, quiçá, pessoas que permanecem como ele, visto que “para evocar seu próprio passado, em geral, a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras”<sup>18</sup>. Perceba nos versos: “( É dezembro/ e noite e abro a janela/ e vejo outras janelas iluminadas”.

Nesse sentido, o eu-lírico percebe que há vidas, multidão, pessoas no campo ou na cidade, aviões, produtos, tecnologias; desse modo, ele afirma sobre as vidas no seu planeta e acredita, quem sabe, talvez existir pessoas, multidões em outros universos, órbitas. Repare nesse trecho:

Ali há vida, como na rua, como  
no campo e no mar e nos velozes  
aparelhos que cortam o espaço  
e  
talvez  
noutros planetas e universos.

Faz mister ressaltar as divagações sobre a brevidade da vida; em outras palavras, a certeza da morte feita pelo sujeito lírico. Este sabe que a vida é rápida, cheia de dúvidas, incertezas e há outro impasse nesses versos a seguir:

Como há incontáveis séculos e  
provavelmente  
amanhã. Mas tudo rápido  
demais  
que nem nos podemos saber  
e partimos  
no mesmo escuro em que chegamos.

Assim, é retratado a incógnita que é viver e morrer, desde séculos todos buscam a resposta para as questões “De onde viemos?”, “Para onde vamos?” e no mundo do

---

<sup>18</sup> HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006, p. 72.

consumismo exacerbado, da luta pelo poder, relações entre as pessoas rápidas, fugaz, nem sempre paramos para tentar entender a existência, a vida, a morte, mas o eu- lírico do poema “Aniversário” se indaga, ele pertence ao sistema vigente, mas escapa, buscando pela memória de forma melancólica descobrir suas dúvidas, muitas delas, sem respostas. É digno de nota a idéia de “escuro” como algo misterioso; logo, o eu-lírico sente que vida e morte são elementos incompreensíveis até então, daí todos viverem “sem sentido”, vindo a falecer da mesma forma, devido esse “escuro”, a “não compreensão”.

Como já percebemos pelo título, no seu aniversário, um ano mais velho, o sujeito começa a “rever” sua vida e chega à conclusão de que muito perdeu, de que com o tempo conquistou muitas coisas, mas elas foram desaparecendo, ficando aí a melancolia, o sentimento de vazio, de tristeza pelo que perdeu sem muitas vezes saber ao certo o que dói, o que foi perdido. Nesse caso, até o próprio eu-lírico não é mais o mesmo, evoluiu, fluiu, ganhou experiências, aprendeu algo, esqueceu coisas, enfim, modificou-se, seja fisicamente ou no seu interior; afinal, o rio flui, passa, a água escorre, sendo que ninguém se banha duas vezes na mesma água de um rio assim como ninguém permanece igual com o tempo, tudo flui, tudo passa, restando apenas lembranças, “Perdi colegas, namoradas, cães./ Perdi árvores, pássaros, perdi um rio/ e eu mesmo nele me banhando”.

Dessa forma, o eu-lírico recorda-se de suas perdas, dos entes queridos que se foram. Portanto, quando ele revela que ele próprio perdeu um rio e ele mesmo, mostra que a perda é grande, a solidão imensa.

A melancolia e a solidão íntima são sentimentos presentes no sujeito fragmentado, visto que perdas geram tristeza. Com isso, há um ensimesmamento, o ser vive uma “perturbação” de ações, mas se isola ou é isolado, restando apenas lembranças do passado em sua memória.

No aniversário ganhamos presentes e tentamos esquecer as tristezas. No entanto, o que o eu-poético ganha são as perdas com a vida, ou seja, um tesouro de solidão. Há, portanto, uma contradição entre ganhar e perder; presença e ausência. Observe: “Isto o que ganhei: essas perdas. Isto/ o que ficou: esse tesouro/ de ausências”.

Há de se perceber a memória como algo restante para esse sujeito, já que a lírica expressa seus anseios além da visão melancólica. Nesse sentido, ele se isola. Perceber estas perdas é conseguir se descobrir, revelar suas conquistas e desencantos. Assim, com o tempo, o ser humano começa a perceber o que ganhou e o que perdeu, descobre sua própria mudança, quer dizer, suas relações foram passageiras numa sociedade “aprisionante”, com isso a melancolia, provavelmente, é um modo de escape, o isolamento é uma forma de se reconhecer.

Nesse entendimento, o eu-lírico sabe que há outras vidas próximas da sua, mas aos poucos elas se esvaem, e ele só, com seu coração, sua memória permanece:

(A noite avança, e as janelas  
aos poucos  
se apagam. No silêncio  
meu coração permanece  
iluminado. Eis que trabalha, fiel...)

Percebemos o escuro, a solidão e o fechamento do eu-poético tão como dos outros que o cercam, numa metáfora das janelas apagadas. Por outro lado, cada ser vive situações parecidas, seja com seus recordares, dores ou alegrias. A noite é uma válvula de escape, um momento agradável, como se na noite o ser humano se encontrasse, já

que muitas vezes ele é um ser “incompreendido” pela sociedade. Mesmo em meio à multidão ele se vê isolado, daí seu ensimesmamento.

Ao ler “Aniversário”, vemos na última estrofe que o eu-lírico permanece sem testemunhas ou alguém para comprovar tal história ou fato, no céu está a última estrela, ou seja, não há outras mais. Desse modo, assenta-se uma leve nostalgia, mas para o eu-lírico o que prevalece é seu ensimesmamento, sua melancolia e sua memória, pois o passado é algo não resolvido, inquietador, e o presente não está respondido. Observe:

(...).No silêncio  
meu coração permanece  
iluminado. Eis que trabalha, fiel,  
mesmo quando revela  
a si mesmo em breve imóvel  
ou, depois, a última estrela  
sem testemunhas  
no céu final.

Deste modo, a morte e a vida “caminham” juntas e, com o passar do tempo, o que resta são apenas lembranças, memória. Há uma perda de tudo, inclusive da vida. Essas perdas são inerentes ao ser humano, faz parte da experiência existencial, do aprendizado, mas não há um desejo de retorno ao passado, há um ser pensativo, que reconhece o que restou: um “tesouro de ausências”, uma vida “sem testemunhas”, um sujeito em “silêncio” vivendo num tempo em que tudo é “rápido demais” e que a memória é um local em que as lembranças podem aflorar. No entanto, devido ao mundo em que este eu-lírico vive, a melancolia faz-se constante e consequência dessa vida de perdas.

Portanto, é mister ressaltar que o poema expõe a incógnita sobre a trajetória humana, das conquistas que com o tempo se tornam recordações, uma vez que a perda é concreta e todos passam por essa situação. Com isso, percebemos ser “Aniversário” um poema reflexivo de traços melancólicos, com um impasse a ser resolvido, revelando a memória do passado e a certeza de que a vida é construída de lembranças, sonhos, conquistas, aprendizados, mortes e perdas.

### 3. Considerações finais:

Diante do que foi apresentado neste trabalho, é importante salientar que a memória presente no poema analisado de Ruy Espinheira Filho, “Aniversário”, aparece como elemento de impasse, inquietador, muito diferente da visão comum associada à marca mnemônica na literatura, acreditando ser a memória algo saudosista, tranquilo. No entanto, percebemos no trabalho em questão que a memória se apresenta muitas vezes “presente” e com situações mal resolvidas.

Ficou evidente também a concepção de memória associada ao poema, pois na análise notamos a constância desse constitutivo, visto que “toda reprodução ou renascimento, seja voluntária ou não, de qualquer idéia, percepção ou outra qualquer modificação do espírito é um ato de memória, é uma lembrança”<sup>19</sup>, tal como aparece várias vezes no poema analisado de Ruy. O eu-lírico permanece só, isolado, tendo como único aliado o seu recordar; por isso, o passado é tão presente que se confunde com o tempo vivido.

---

<sup>19</sup> FRANÇA, Eduardo Ferreira. Memória. In:—. *Investigações de Psicologia*. 2ª edição. São Paulo: Editora da USP, 1973, p. 362.



É interessante ressaltar o passado não resolvido e o presente também enigmático, o que deixa o eu-lírico em conflito consigo mesmo, um sujeito fragmentado que, mesmo na dúvida, acredita no mistério “e partimos/ no mesmo escuro em que chegamos” (Aniversário). O sujeito perdido tenta encontrar respostas para suas perguntas dentro de si, pois a sociedade capitalista é muito rápida, impossibilitando-o de parar para indagar-se com outros. Nesse olhar, Mendes nos diz que “quando a felicidade impera, não há espaço para a reflexão. Porém, no melancólico o ego encontra-se reduzido, fragmentado, fazendo do indivíduo suporte de meditação”<sup>20</sup>.

Perante esse estado melancólico mnemônico ocorre uma tensão, impasses a serem resolvidos. O poema nos revela ser a morte a única certeza existencial, no qual, ao finalizar a poética, a ideia de falecimento ou fuga do presente se faz notável, uma vez que “a impossibilidade de retorno reforça a convicção de que nada pode deter o fluxo temporal: a morte é a única e a última certeza”<sup>21</sup>. Note nos seguintes versos:

a si mesmo em breve imóvel  
ou, depois, a última estrela  
sem testemunhas  
no céu final. (Aniversário)

Dessa sorte, a memória existe enquanto lembranças e construção de cada ser, experiência, fazendo-se presente, ou seja, a memória como evocação do passado. Assim, nessa sociedade de consumo em que vivemos, na qual o homem guarda em si a memória e a solidão, esse se concebe melancólico, “um ser pensante em perplexidade”<sup>22</sup>, causando-nos uma “impressão enigmática porque não se pode descobrir o que é que o absorve tão intensamente”<sup>23</sup>.

É interessante ressaltar que a memória e a melancolia no eu-lírico, em meio à contemporaneidade, permanecem interligadas; nessa mesma concepção de pensamento, percebemos em Scliar que:

Havia um preço a pagar por toda essa memória, toda essa cultura armazenada; era preciso voltar-se para dentro de si mesmo e até retirar-se do mundo, como fez Montaigne. O resultado era mais melancolia - que Vives associava à memória, às lembranças. Como diz Proust, que fez da memória um ponto de partida para sua obra: não há memória sem melancolia, não há melancolia sem memória.<sup>24</sup>

Faz-se interessante destacar, mais uma vez, que o passado apresentado no poema analisado é algo ainda inquietante, revelador assim como a relevância mnemônica, uma certa melancolia com as perdas, além da tensão enfrentada pelo eu-lírico no processo de conhecimento sobre sua própria existência.

---

<sup>20</sup> MENDES, Marise Pimentel. A tragédia “sob o signo de Saturno”. In: *Ipotesi* (Revista de Estudos Literários), Juiz de Fora: EDUFJF, 1999, p. 113.

<sup>21</sup> FREITAS, Iacyr. In: < <http://www.jornaldepoesia.jor.br/iaf07.html> >

<sup>22</sup> MATTOS, Olgária. A melancolia de Ulisses. In: NOVAES, Adauto. *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Funarte/ Companhia de Letras, 1995, p. 151.

<sup>23</sup> *Ibidem*, p. 150.

<sup>24</sup> SCLIAR, Moacyr. *Saturno nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 83.

## Referências

- ADORNO, Theodor W. Palestra sobre lírica e sociedade. In:—. **Notas de literatura I**. São Paulo: Duas Cidades, 2003.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- FILHO, Ruy Espinheira. **Poesia reunida e inéditos**. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- FRANÇA, Eduardo Ferreira. Memória. In: —. **Investigações de psicologia**. 2ª edição. São Paulo: Editora da USP, 1973.
- FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia. In: **Novos estudos**, nº 32, março de 1992.
- GOFF, Jacques Le. Memória. In: —. **Enciclopédia einaudi**. Vol.1. Memória- História, São Paulo: Unicamp, 1984.
- GOLDSTEIN, Norma. **Versos, sons, ritmos**. São Paulo: Ática, 1985.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- MARQUES, Reinaldo. Tempos modernos, poetas melancólicos. In: SOUZA, Eneida Maria de (Org.). **Modernidades tardias**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- MATTOS, Olgária. A melancolia. In: **Leia**, nº 103, maio de 1987.
- \_\_\_\_\_. A melancolia de Ulisses. In: NOVAES, Adauto. **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Funarte/ Companhia de Letras, 1995.
- MENDES, Marise Pimentel. A tragédia “sob o signo de Saturno”. In: **Ipotesi** (Revista de Estudos Literários). Juiz de Fora: EDUFJF, 1999.
- SCLIAR, Moacyr. **Saturno nos trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- FERREIRA, Izacyl Guimarães. Disponível em:  
< <http://www.jornaldepoesia.jor.br/izacyl20.html>> Acesso em 09/08/2008
- FREITAS, Iacyr. Disponível em: < <http://www.jornaldepoesia.jor.br/iaf07.html>> Acesso em 09/08/2008
- NETO, Miguel Sanches. Disponível em:  
< <http://www.jornaldepoesia.jor.br/msanches46.html>> Acesso em 09/08/2008